

Um expoente europeu da literatura deste século

Quando Fernando Pessoa morreu, faz hoje precisamente cinquenta anos, os jornais da época dedicaram ao facto uma discreta notícia a uma coluna. Hoje, no aniversário quinquagesimo da morte do poeta, os jornais multiplicam-se em referências, a Rádio faz programas *non stop* sobre a sua obra e a Televisão dedica espaço razoável à efeméride.

Com propriedade se pode dizer que Pessoa está hoje mais vivo do que há cinquenta anos. Em 1935, ele era estimado, lido e criticado por um círculo restrito de intelectuais; hoje constitui não apenas um ponto de referência, como se converteu num verdadeiro mito, carregado de facetas paradoxais, sugerindo vias para a leitura e digestão das questões fundadas da modernidade. «Como pôde um Poeta que subverteu os fundamentos do nosso moderno lirismo efusivo e sentimental, o nosso coração a tiracolo, o nosso heroísmo de emenda por conta de Camões, a nossa vida toda em diminutivos, ter-se convertido no ídolo que agora tem o seu nome?» — perguntava-se, ainda há dias.

Eduardo Lourenço, num ensaio publicado no *Jornal das Letras*. Como pôde o poeta Pessoa ter-se desdobrado numa tão variegada gama de pessoas poéticas ao ponto de ter tornado quase popular a palavra esdrúxula *heteronímia*?

Cabe certamente a comunicação social um importante papel no estabelecimento de uma real comunicação entre os criadores, designadamente literários, e o grande público, especialmente daqueles que, pela sua capacidade de mergulhar nas coordenadas do seu tempo se projectaram, de algum modo, para além do tempo.

Por isso, o JN não podia faltar a este dia especial de encontro com o poeta Pessoa. Por isso preparamos um vasto conjunto de abordagens que, embora não pretendam esgotar uma realidade e uma problemática de si inesgotável, procuram proporcionar uma aproximação à riqueza de Fernando Pessoa.

Quis o acaso que caíssem em 1985 duas efemérides de monta: aquela a que vimos

aludindo e a já celebrada (a 13 de Setembro passado), do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, acontecimento a que este Jornal dedicou especial atenção.

Esta curiosa coincidência poderia ser assumida como um verdadeiro itinerário de reflexão cultural, que procurasse pôr em diálogo a dimensão universal com a regional e local. Trata-se, sem dúvida, de uma problemática central da nossa actualidade, especialmente num momento em que se perspectiva a inserção de Portugal no espaço europeu.

Esta proposta de reflexão teria, pelo menos, o condão de questionar certo tipo de homogeneidades que tendem, com demasiada frequência, a reduzir, quando não mesmo exterminar, a actualidade das mensagens legadas pelos homenageados. Aí fica, pois, o desafio, no preciso dia em que se evoca a vida e obra de Fernando Pessoa, considerado um dos maiores poetas europeus do nosso século.

MANUEL PINTO

Fernando Pessoa e o texto jornalístico

A heteronímia: seriedade e mistificação

Por JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Por ARNALDO SARAIVA

«O jornalismo, sendo literatura, dirige-se todavia ao homem imediato e ao dia que passa. Tem a força directa das artes inferiores mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuais; tem a força mental da literatura, por de facto ser literatura.»

(FERNANDO PESSOA)

Entre a obra multifacetada de Fernando Pessoa é pouco conhecida, ou apenas evocada como um acidente, senão incidente, biobibliográfico, a sua experiência jornalística, que curiosamente coincidiu com a época agitada da publicação do primeiro número de Orpheu e portanto com um dos momentos culminantes da aventura modernista (...).

Três breves semanas — de 4 a 23 de Abril de 1915 — foi o que durou esse breve parêntese, em que, de certo modo, se esboçou um novo perfil heteronímico. E dizemos esboçou porque, como se sabe, Pessoa estabeleceu, na sua galeria de «figuras», uma gradação subtil, que vai das «personalidades literárias» aos «heterónimos» propriamente ditos, passando pelos «semi-heterónimos», a estes ficando reservada a prosa.

Foi o caso que, envolvido ainda na euforia do impacto que o escândalo orfíco estava em vias de provocar na imprensa — lepidóptera — para usar um termo caro a Mário de Sá-Carneiro —, Pessoa se lançou ele mesmo, paradoxalmente, na profissão de jornalista. E foi num periódico intitulado «O Jornal» e fundado por um personagem, Boavida Portugal, a que já estivera ligado através da participação no polémico Inquérito literário do jornal Re-

permiu, segundo método idêntico ao que tinha usado nos seus ensaios sobre a «Nova Poesia Portuguesa», publicados na Águia. Como os seus heterónimos, Pessoa serviu-se sempre de um modelo de referência até para lançar, na ocorrência histórica, a geração de que era o porta-voz.

Outras preocupações suas vinham repercutir-se, porém, nesta «Crónica» de uma «Vida» que passava demasiado depressa para deixar de solicitar, uma atrás da outra, as multimodas frescas da sua verve jornalística. Agora era a confessada vocação patriótica que o fazia alvejar acerbamente uma doença nacional, a «Doença da disciplina», em termos que assumiam um significado político-pedagógico salutar e ainda de grande actualidade. Comparando-nos aos alemães, por fazermos da disciplina social — um sistema de Estado e de governo —, Pessoa traçava uma ra-

manter durante esse efêmero intermezzo de colunista. O título da primeira crónica («Do contrário como terapêutica de libertação») dá-nos perfeita-mente a inserção destes artigos jornalísticos dentro da lógica da coincidência opostoruma que, como noutros estudos mostrámos, constitui a trama da linguagem poética pessoana. Partindo do pressuposto de que a «política» — a «região» — e a «vida social» — são apenas «graus inferiores e plebeus da estética», Pessoa defendia a ideia de que as pessoas superficiais não mudam de opinião: «uma criatura de nervos modernos, de inteligência sem cordões, de sensibilidade acordada, tem a obrigação cerebral de mudar de opinião e de certeza várias vezes no mesmo dia» (...). Estranha concepção de um jornalista, a de que a «sinceridade» e a «coerência» são «preconceitos»!

Demasiado comprometido, por esses dias, nas sequelas de Orpheu, Pessoa não pôde resistir a fazer de «O Jornal», discretamente embora, uma espécie de cavalo de Tróia, enquanto ele mesmo, paradoxalmente, na profissão de jornalista. E foi num periódico intitulado «O Jornal» e fundado por um personagem, Boavida Portugal, a que já estivera ligado através da participação no polémico Inquérito literário do jornal Re-

«Não estaria Pessoa a brincar com coisas demasiado sérias para sofrerem paradoxos? Mas ele não se ficou por aí. Na crónica subsequente irria sobre o brechão das classes dirigentes, ao desmontar «A ilusão política das grandes manifestações populares», as quais, segundo ele, quanto mais importantes são mais tendem a «demonstrar que a corrente principal do movimento é muito fraca» (...).

Essa irritação, foi crescendo, à medida que, tendo a mente, Pessoa passou das questões técnicas ao terreno movido da política, num periódico que pretendia ser moderado e independente», para melhor agradar a gregos e a troianos, isto é, a republicanos e a monárquicos. Usualmente tão pouco complacente para com aqueles — não se esqueça o porquê — como Afonso Costa, por causa de uma boutade futurista, que lhe ia valendo as fúrias da Carbonária —, eis o poeta a

quis atacar os monárquicos, o Centro Monárquico e os srs. Integralistas Monárquicos. Contradições do sindicalismo da política, que muito deviam ter divertido o poeta, apesar de ficar sem emprego... Mas ficou, também, ao que parece, com o gosto das intervenções públicas síbilas, que lhe traziam outros dissabores, sempre por ele recebidos com um sorriso irónico...

Para lá do que nelas haja de curioso como anedotário, as crónicas de «O Jornal» são a prova de que para Pessoa não havia gêneros privilegiados — pois ele os punha juntamente em causa — mas um texto múltiplo em expansão, de escrita em prosa, que não podia deixar de ser, ao lado de um poema, numa página de teor estético, numa carta de amor ou num simples artigo jornalístico.

Na verdade, o jornalismo aparece como uma modalidade arquitectural de manifestação do heterotexto pessoano. A sua ruptura está ligada, como não podia deixar de ser, ao curso de modernidade gráfica que as vanguardas cubista e futurista exploraram como formas de expressão plástica e poética. Lembremo-nos da inserção, nos colagens de um Braque ou de um Picaso, de recortes de jornais (...), bem como da exaltação da «evolução tipográfica» por Marinetti (...). Entre nós, Mário de Sá-Carneiro, em Manuscrito incluído em Orpheu 2, não hesitou em «colar» no poema títulos de jornais em várias línguas,

com um «Hurrah!» por vs, empresas jornalísticas!», fazendo da leitura do Matin, nesse mesmo poema e em Serradura, inserto em Orpheu 3, um dos ingredientes da sua mitologia parisiense.

Não admira que fosse o jornal de Campos da primeira infância, o heterónimo mais primitivo do futurismo, que Pessoa investiu o seu entusiasmo jornalístico, ao ritmo de uma pulsão erótica:

«Notícias desmentidas nos jornais, / Arragos políticos sinceramente sinceros, / Notícias passez-à-la-cause, grandes crimes — / Duas colunas deles passando para a segunda página! / O cheiro fresco a tinta da tipografia! / Os cartões postais há pouco, molhados! / Vient-le-partir amarelos com uma tinta branca! / Como me sinto como a todos, a todos, a todos. / Como eu vos amo de todas as maneiras. / Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto! E como o tato! (o que palpar-vos representa para mim!) / E com a inteligência como uma antena que fazes vibrar! / Ah, como (Continua na página seguinte)

Se, no que respeita à génese e significação heteronímica, a posteridade se encarregou de propor teses muito diversas da etnocultural de Mário Sá — que explicou a heteronímia pela herança cultural judaica de Pessoa —, já no que respeita à importância heteronímica há ou tem havido um grande consenso, o que é visível desde logo no facto de, como lembrou Eduardo Lourenço, se ter desprezado bastante o pré-Pessoa e no facto de quase todos os estudiosos pessoanos se terem debruçado especialmente sobre o fenómeno da heteronímia. No seu esboço de uma bibliografia, José Blanco refere 65 textos que incidem sobre a heteronímia.

E a verdade é que Pessoa seria ainda hoje bem menos conhecido ou apreciado se não tivesse produzido o que chamamos «romance heteronímico», ou se não tivesse deixado apenas as produções dos heterónimos sem os heterónimos. E há quem defenda que deveria ter feito isso, e quem considere por tanto que, mais do que uma ficção, o «romance heteronímico» é uma mistificação, um purificação.

Foi esta, por exemplo, a opinião de Mário Saramento, que escreveu: «Estabelecido o significado que a heteronímia tem na sua obra, esqueçemo-la; passemos a considerá-la e a usar os nomes de Alberto Caetano, Alvaro de Campos e Ricardo Reis como meros títulos de obra — no género, por exemplo, do que deu o nome à lirica de João Mimoso de Garrett...».

Outra não foi a opinião de José Régio e, nalguns momentos, de João Gaspar Simões, que chegou a declarar: «Fernando Pessoa não quis ser outra coisa senão isso mesmo: o mistificador... Lá do além de onde ele nos olha, a nossa atitude de investigadores sérios e conscienciosos do seu «drama em gente», deve constituir para ele o mais estúpido motivo de chofa. Caimos na armadilha. Fomos realmente burlados, como foram burlados os seus amigos para quem ele preparou, de peito feito, a grande «palhaçada» dos seus heterónimos.»

E o certo é que, se seríamos tentados a adotar a «grande palhaçada» dos heterónimos pessoanos, quando nos damos conta das contradições de algumas das páginas do «romance heteronímico», de incongruências das datas fictícias ou fictícias da produção heteronímica, de oscilações nas designações do não-ortónimo, da quantidade de outros nomes — cerca de três de uns — que assumiu Pessoa, e talvez até de alguma silênciosidade, de alguma dissonância valde, e de alguma vontade de mistificação.

No que se refere às contradições, basta dizer que o dia 13 de Setembro de 1915, agendado entre hoje e 30 de Novembro de 86, tem como realizações mais espectaculares o Congresso já na próxima semana e a exposição documental sobre o poeta. Mas, segundo Alcáda Baptista, o mais importante é ter sido conseguida a microfilmagem de todo o espólio, bem como os trabalhos de edição crítica da obra de Pessoa. Algumas antologias vão ser patrocinadas pela comissão das comemorações, no âmbito da agora Secretaria de Estado da Cultura. «Até agora, em termos de edições — diz António Alcáda Baptista —, não nos pudemos substituir aos proprietários dos direitos de autores». O facto de, a partir do primeiro dia de 86, a obra de Fernando Pessoa transitar para o domínio público faz com que o presidente da Comissão Executiva das comemorações preveja uma imediata «explosão editorial, inclusive com grande competição nos preços».

Admitte Alcáda Baptista que, tal como para outras finalidades culturais idênticas, as verbas de que dispõe a comissão não sejam generosas. Ainda assim, esta procurou «que todas as iniciativas tenham dignidade» e, para o seu presidente, «o importante é que o Livro do Desassossego tenha tido muito mais edições em Espanha e que seja um êxito na República Federal da Alemanha». Ao transferir o conhecimento e o reconhecimento do poeta para outras realidades alheias à in-

«minhamente alheias», «personagens» (com o matiz «peticias»), «personalidades», «autor», «executor», «fantasma», «amigo» e até «filho» possivelmente com ironia. Aliás, devemos notar que a primeira vez que Pessoa distingue publicamente entre pseudónimo e heterónimo é só em 1928, numa nota da Presença. Em 1915, por exemplo, em carta a Armando Cortes Rodrigues, que chamava «irmão em pseudo», falava do seu propósito de publicar «pseudonimamente» a obra Caetano Reis-Campos.

No que se refere aos nomes próprios clara ou aparentemente heterónimos, eles parecem por vezes arbitrários ou «artificiosos» — como são também os antropónimos, como regra — não vindo por detrás deles nenhum sentido para lá do da identificação, aliás duvidosa ou equívoca em muitos casos.

Alguns heterónimos parecem consistentes na biografia, embora redunda a dados essenciais, de uma produção numerosa que lhes é atribuída, caso dos três irmãos: Caetano, Campos, Reis, outros são quase puro nomes, ainda quando o nome próprio se cruza com o comum Jean Sest. Alguns nasceram na infância de Pessoa (Chevalier de Bus), outros na maturidade. Alguns são dados como heterónimos, outros como semi-heterónimos (Bernardo Soares), ou nem uma coisa nem outra. Alguns estão vinculados à produção literária, outros a outras actividades, como o heradismo, aliás charadismo ou as palavras cruzadas (A. A. Crosse). Alguns distinguem-se mais ou menos claramente na biografia e no estilo, outros — ou os primeiros nalguns momentos — confundem-se, ou confundem-se e se-

Finalmente, no que respeita aos silêncios intencionais ou à vaidade implícita, lembremos o que escreveu George Rudolf Lind: não nos repugnaria concluir que o poeta manhoso se decidiria, em 1935, a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos como pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, proposadamente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento dela.

Mas todas as objecções à seriedade da aventura heteronímica pessoana podem ser respondidas — ou podem ser esclarecidas — tendo em conta:

1 — A dificuldade de teorizar ou de exprimir pela primeira vez um fenómeno complexo, ainda que, curiosamente, mais comum do que parece.

2 — O inevitável cruzamento e contaminação da verdade e da ficção, ou da mentira, no «romance heteronímico».

3 — As contradições inerentes a qualquer «sistema» que pretenda explicar a totalidade humana, contradições que o «romance heteronímico» pretende justamente figurar e pôr em jogo tenso, de onde sai alguma luminosa unidade ou harmonia. Não se esqueça o que de alguma produção sua disse Caetano: que ela concorda com o que não concorda.

Porque Fernando Pessoa está vivo

Iniciativas oficiais não adiantam muito ao conhecimento do poeta — considerou António Alcáda Baptista

Felizmente que Fernando Pessoa está bastante vivo para que as iniciativas estaduais não adiantem muito ao conhecimento da sua obra: este o remate feito por António Alcáda Baptista, a propósito da programação desenvolvida pela Comissão Executiva das comemorações do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa, da qual assegura a presidência.

O passoano, agendado entre hoje e 30 de Novembro de 86, tem como realizações mais espectaculares o Congresso já na próxima semana e a exposição documental sobre o poeta. Mas, segundo Alcáda Baptista, o mais importante é ter sido conseguida a microfilmagem de todo o espólio, bem como os trabalhos de edição crítica da obra de Pessoa. Algumas antologias vão ser patrocinadas pela comissão das comemorações, no âmbito da agora Secretaria de Estado da Cultura. «Até agora, em termos de edições — diz António Alcáda Baptista —, não nos pudemos substituir aos proprietários dos direitos de autores». O facto de, a partir do primeiro dia de 86, a obra de Fernando Pessoa transitar para o domínio público faz com que o presidente da Comissão Executiva das comemorações preveja uma imediata «explosão editorial, inclusive com grande competição nos preços».

Admitte Alcáda Baptista que, tal como para outras finalidades culturais idênticas, as verbas de que dispõe a comissão não sejam generosas. Ainda assim, esta procurou «que todas as iniciativas tenham dignidade» e, para o seu presidente, «o importante é que o Livro do Desassossego tenha tido muito mais edições em Espanha e que seja um êxito na República Federal da Alemanha». Ao transferir o conhecimento e o reconhecimento do poeta para outras realidades alheias à in-

fluência da Comissão, Alcáda Baptista justifica: «A dinâmica de Pessoa funciona independentemente deste grupo de trabalho, e, felizmente que Fernando Pessoa está bem vivo para que

«as iniciativas estaduais não adiantem muito». Ao negar assim qualquer perspectiva inerte quanto ao estilo de comemorações empreendido pela Comissão, Alcáda Baptista não concorda, contudo, que a transladação para os Jerónimos (por iniciativa de deputados) tenha constituído uma manifestação necrófila. Ainda que possa ser interpretada desse modo, «o lugar de Pessoa é mesmo nos Jerónimos e há outras manifestações suficientes, para toda a gente saber que a obra dele também está viva».

Hoje, pelas 21,30, realiza-se nas instalações da Fundação Eng.º António de Almeida, no Pórtico, uma sessão de homenagem a FP organizada pela revista «Nova Renascença», na qual falará José Augusto Seabra («A glória universal de Fernando Pessoa») e João Alves das Neves («As comemorações pessoanas no Brasil»).

No próximo dia 5 Dezembro, o presidente da República do Brasil, José Sarney, vai falar sobre FP na TV Globo, no encerramento de um ciclo de conferências que estão a decorrer naquele país. Aliás, no Brasil, o cinquentenário de Pessoa tem tido uma grande profusão de evocações. Enquanto isso, a capital do Estado do Paraná, Curitiba, passa agora a dispor de uma praça com o nome do poeta Fernando Pessoa.

Por seu turno, a RTP, que hoje dedica mais de uma hora de programação a FP, acaba de concluir no Brasil a rodagem de um documentário sobre Pessoa com a duração de 52 minutos. O documentário, de Reinaldo Varela, tem como objectivo mostrar como a juventude brasileira gosta do poeta português.

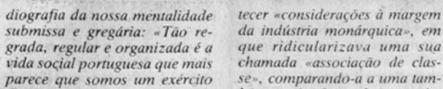
Também a Universidade Livre se associa ao cinquentenário com um sarau de poesia hoje, às 21 horas, no Teatro Trindade, em Lisboa, em que intervirão Goulart Nogueira, Armando Cortes, Mariana Rey Monteiro e Rosa Lobato de Faria.



Fernando Pessoa na pena de João Abel Manta.

pública acerca da existência, ou não, de uma «Renascença» em Portugal, como profetizara na revista A Águia. Quer se tratasse de uma banal necessidade de emprego, ou apenas de uma aposta em mais uma forma de expressão entre tantas que ensaiara, o certo é que o poeta lá foi parar («at nestas vults, temporariamente» — escrevia ele a Armando Cortes Rodrigues, em 19 de Abril). O que, ironizava, ainda lhe roubava tempo, juntamente com o trabalho de correspondência no escritório, «para as mais simples coisas da vida intelectual» (...).

Comecando por uma recensão ao já referido Inquérito do seu agora Director, aliás com uma liberdade crítica que era bem livre da sua independência, logo Pessoa se assinalou por uma rubrica — «Crónica da vida que passa» — que iria



diografia da nossa mentalidade submissa e gregária: «Tao regradada, regular e organizada é a vida social portuguesa que mais parece que somos um exercício do que uma nação com existência individuais. Nunca um português tem uma acção sua, quebrando com o meio, virando as costas aos vizinhos. Age sempre em grupo, sente sempre em grupo, pensa sempre em grupo. Está sempre à espera dos outros para tudo» (...). Dai que ele esculpelizasse a República, por não ter sabido romper com o que, noutro texto, chama o «preconceito contista da Ordem», também típico, de resto, dos «neomonárquicos». Na verdade, «incapazes de revolta e de agitação» — ironiza Pessoa —, «quando fizemos uma «revolução» foi para implantar uma coisa igual ao que já estava» (...).

Qual a terapêutica para esta doença? Uma só: a «indisciplina», que o poeta arvorou em tratamento salutar: «Trabalhem ao menos — nós, os novos — por perturbar os almas, por desorientar os espíritos. Cultivemos, em nós próprios, a desintegração como uma flor de preço. Construa-mos uma anarquia portuguesa» (...). Repare-se no oxímoro: para Pessoa a anarquia pode ser sinónimo de construção — e por que não da verdadeira ordem, como insinua alhures? Se é sedutora a hipótese de Joel Serrão, ao aproximar Orpheu da «maré alta do anarquismo» (...), importa porém ter em conta que a anarquia pessoana pouco tem a ver com a dos nossos anarco-sindicalistas: na sua galeria de ficções figura, não o esqueçamos, um «anarquista banqueiro»...

Como poderia o leitor comum de «O Jornal» aperceber-se desta lógica da contradição, em que Pessoa ia, de crónica para crónica, reiniciando? Seria por certo com perplexidade, sendo com gáudio, que o público leria as suas considerações acerca da «Deficiência de imaginação das imaginações excessivas», com que a «idiossincrasia dos portugueses era caracterizada. Falta-lhes, é claro, a exemplo de Alvaro de Campos, ser «educados pela imaginação», mas por uma imaginação que os educasse para a civilização e para a vida, como dizia Pessoa.

Já mais perturbado devia entretanto ficar o leitor menos imaginativo com um tratamento de um tema tal «A traição como questão filosófica», em que Pessoa ia ao ponto de considerar o traidor como alguém que não pode ser condenado, enquanto sujeito de uma opinião filosófica-individualista, contrária à «opinião comum» (a Doxa, dos gregos), que é «solidarista» por definição.

«Não admira que fosse o jornal de Campos da primeira infância, o heterónimo mais primitivo do futurismo, que Pessoa investiu o seu entusiasmo jornalístico, ao ritmo de uma pulsão erótica: «Notícias desmentidas nos jornais, / Arragos políticos sinceramente sinceros, / Notícias passez-à-la-cause, grandes crimes — / Duas colunas deles passando para a segunda página! / O cheiro fresco a tinta da tipografia! / Os cartões postais há pouco, molhados! / Vient-le-partir amarelos com uma tinta branca! / Como me sinto como a todos, a todos, a todos. / Como eu vos amo de todas as maneiras. / Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto! E como o tato! (o que palpar-vos representa para mim!) / E com a inteligência como uma antena que fazes vibrar! / Ah, como

«Notícias desmentidas nos jornais, / Arragos políticos sinceramente sinceros, / Notícias passez-à-la-cause, grandes crimes — / Duas colunas deles passando para a segunda página! / O cheiro fresco a tinta da tipografia! / Os cartões postais há pouco, molhados! / Vient-le-partir amarelos com uma tinta branca! / Como me sinto como a todos, a todos, a todos. / Como eu vos amo de todas as maneiras. / Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto! E como o tato! (o que palpar-vos representa para mim!) / E com a inteligência como uma antena que fazes vibrar! / Ah, como



Retrato oferecido por Pessoa à sua tia Anica em 1914.